

FABBRO, João. **Um olhar para vocalidade**. Mestrado em Artes da Cena. Orientação: Prof. Dr. Matteo Bonfitto. Seminário de Pesquisa do programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Unicamp, 2013.

### RESUMO

Este olhar nasceu a partir de duas disciplinas oferecidas pelo PPGAC/IA - UNICAMP. No 1º sem. de 2013, participei como ouvinte da disciplina de Pesquisa em Artes, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Ferracini. No 2º semestre, assisti à mesma disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Matteo Bonfitto. Ambos os momentos me possibilitaram olhares, modos de ver e rever aspectos da metodologia e, fizeram com que surgisse em mim, a necessidade de verticalizar um caminho para a vocalidade que proponho.

**Palavra-chaves:** vocalidades, cartografia, sons.

### ABSTRACT

I attended, as a listener, two subjects at PPGAC/IA – UNICAMP. My regard came from these subjects. In 2013, 1st. semester, i attended – research in art – given by professor Dr. Renato Ferracini. In 2013, 2 st. semester, i attended the same subject give by professor Dr. Matteo Bonfitto. Both moments made me possible have regards, ways of seeing and seeing again aspects of the methodology. Also, both moments, made come out on me the way of looking for a vertical way to the vocality that i propose.

**Keywords:** vocality, cartography, sounds.

### Um olhar para vocalidade

O olhar que aqui se apresenta tomba para muitos lados, cambaleia, cai, levanta, volta a cair e arrasta-se pelo chão à procura das tão saborosas experiências e sensações criadas pelos sentidos. Aqui os sentidos irão se ater a um modo de olhar bastante específico, um olhar para vocalidades.

Li em algum lugar, não me lembro onde, que os conceitos são atemporais, abertos; portanto duradouros, contínuos. Que não

podem ser ditos, que são apenas encenáveis. E penso: como se narra um conceito que só pode ser encenado no tempo? (ALYS, 2010, p. 15).

Estas se mostram algumas das minhas indagações: como narrar um conceito que só pode ser encenado no tempo? Como falar da voz pela imagem da palavra escrita? De que maneira pesquisá-la sem fechá-la em receptáculos de conclusões que tendam a diminuir suas possibilidades? Creio que a pesquisa, o olhar e o direcionamento deste, são de grande valia para um entendimento da voz, do canto e das sonoridades que esta voz pode suscitar.

Diferente da produção científica e de sua metodologia de lógicas consequências, as artes apresentam outras especificidades. A produção em arte não segue um padrão, uma coerência exata de constantes. Neste sentido, como falar de processos em continuidade? A partir de qual metodologia ler as especificidades daquilo que pretendo esmiuçar? Sou movido por estes e outros questionamentos, que me disparam para buscas.

Passando por alguns olhares das ciências humanas (estruturalismo, pós-estruturalismo, fenomenologia e semiótica) vi belezas, forças que compõem, mas que não suprem as especificidades do artístico que busco pela vocalidade. Encontrei-me então com Suely Rolnik. Na verdade, professor Renato me apresentou ela, moça poetiza que fala da cartografia de seus sentimentos.

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação de paisagens. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, neste caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – a sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos (ROLNINK, 2011, p. 23).

Suely escreve sobre o caráter provisório desta cartografia, esse modo de olhar para a coisa que muda conforme a coisa muda, olhar que afeta e é afetado, que estabelece relação direta com o campo – não mais simples objeto, mas campo – de estudo/trabalho/vida.

O campo é plano, integra o pesquisador a ele – não há mais ruptura entre sujeito/objeto, há campo. Este pode ser apreciado de maneira horizontal e é sempre atravessado por múltiplas forças que vão compondo-o de diferentes maneiras a partir das necessidades. Não há hierarquia neste entendimento cartográfico, mas sim composições, atravessamentos constantes que tornam a pesquisa viva.

A cartografia não vem para subjugar nenhum outro olhar. Contrária a qualquer julgo quantitativo, ela pretende integrar, usar daquilo que pode ser potente para as particularidades de cada pesquisa. Ela se apresenta como construção de um trajeto através do qual se podem alcançar os objetivos projetados. No entanto, é sempre um caminho a ser edificado, trajeto aberto e poroso, como sugere J.M.G. Le Clézio em sua escrita:

Escrever é igual ao metrô. Você já sabe aonde vai, não tem uma escolha infinita de destinações, há horários a respeitar [...]. Mas há também tudo aquilo que você não pode prever, o que o transporta (sem querer brincar com as palavras) e expõe, o que o atinge momentaneamente ou permanentemente. Quero dizer as sacudidas, os ritmos, os encontros. Os olhares trocados, que às vezes deslizam pelo encontro das vidraças, as palavras captadas, os farrapos de frases, conversas, monólogos, instantâneos, insensatos [...] (LE CLÉZIO, 2012, p. 1).

Não há como prever o que virá ao longo do percurso, tampouco os acontecimentos no caminho. Pode ser que a estrada mude, ou que o modo de caminhar seja trocado. Há, no entanto, pistas que alguns alunos de Suely deixaram para o tracejado de uma cartografia. São balizas que me abrigam como margens e fazem meu rio/pesquisa correr por som, vocalidade, por efemeridade e materialidade de voz que é corpo.

A prática da cartografia apresenta-se como um modo de investigação e

acompanhamento de processos, “não é um conjunto de regras para serem aplicadas, nem um saber pronto para ser transmitido”, o que faz com que a aprendizagem da cartografia não seja uma questão de aquisição de saber nem de transmissão de informação. A instauração do cartógrafo esta relacionada com “uma questão de aprendizado da sensibilidade ao campo de forças” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 201).

A cartografia me permite um entendimento de múltiplas camadas da voz, voz esta que provoca o encontro antes da presença; que materializa as potências e dá cor, individualização ao ser; meio por onde vivemos, expressamos e compactuamos a vida. Antes mesmo da fala, ela nos faz em possibilidades, grunhidos, expressões ininteligíveis ao verbo, mas exatas e sensíveis aos interlocutores. A cartografia me sugere prolongamentos, territórios que possam ser ampliados, redesenhados...

O campo que me abriga é o do dia a dia. Da escuta para a voz, a sonoridade, a palavra lida, falada, desfeita, ecoada (en)cantos de mim... Ao longo de um dia o campo reverbera em corpo. Silêncio aqui não se faz como ausência de som, mas como reverberação diversa, é nele que a sonoridade se faz, invadindo-o, esvaindo-o...

despertador.  
escova que brinca com dentes.  
som silencioso do espelho que me olha.  
janelas que me abrem pro azul.  
passos, meu chinelo invade o chão de tacos com seu inheque.  
porta – fechadura – maçaneta – dobradiças...  
carros já me cruzam...  
pessoas.  
bom dia do senhor da bicicletaria.  
o som do sol a esquentar a pele inaugural da manhã.  
mais passos.  
café na vermelha xícara. fumaça que sai do liquido negro, quente.  
computador inicia-se.  
rodas da cadeira no piso do quarto.  
teclado.  
cachorro do vizinho – tobi, tobi, tobi – seguido de assobio...  
moto, portão que faz inheque – ou chinelo.

carros na rua, rádio da vizinha – música religiosa.  
torneira aberta e água na pia a pingar.  
telefone vibra sobre a cama – bom dia filho, dormiu bem? a comida esta na geladeira. já tomou café? se alimenta! beijos!  
marteladas com cor de solda. há uma construção próxima...  
há outras tantas em mim... (diário de trabalho – 10/05/2013).

Os sons aqui dispostos em palavras me conduzem a cores distintas, provocam a manhã, aguçam humores, afetos. Como recolher estes sons permitindo que eles me afetem sem imprimir juízos de valores e graus de hierarquias? Pesquisa de ampliação que busca entender a cartografia como metodologia de liberdade para o tracejar de caminhos.

É preciso dizer ainda que não sigo só. Ao longo deste caminho encontro-me com companheiros: Demétrio Stratos (1945-1979) egípcio-grego-italiano que, no século XX, foi considerado o “cantor da voz” e Jerzy Grotowski (1933-1999), encenador polonês que ao longo de seus períodos de trabalho buscou, dentre outros saberes, o desenvolvimento do ator em todas as suas perspectivas. Ambos amparam-me, mostram caminhos possíveis, mas não ensinam a caminhar. Sugerem que eu busque por meu canto, minha voz, que crie em mim cantos para voz.

Encontrarei-me com Grotowski e Demétrio para cantar pela cartografia. Suas pesquisas me servirão como disparadores. A cartografia desta vocalidade proposta tem neles um grande campo de investigação e a partir dela o processo se dá na busca por uma vocalidade inventiva e expressiva.

### **Referências bibliográficas**

- ALYS, Francis. **Numa dada Situação**. Ed. Cosac Naify. São Paulo, 2010.
- LE CLÉZIO, J. M. G. **Histórias do pé e outras fantasias**. Tradução: Leonardo Fróes. SP. Cosac Naify, 2012.
- PASSOS, Eduardo/ KASTRUP, Virgínia/ ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método Cartográfico – Intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2009.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

